

A aprendizagem da leitura e da escrita na alfabetização de jovens e adultos (EJA) com trabalhadores da construção civil: uma questão de cidadania.

Ana Paula Domiciano ¹
Cléria Helena Pereira Felício²

Orientadora: Prof^a Vera Lucia Lins Sant'Anna³

“Tá vendo aquele edifício moço, ajudei a levantar. Foi um tempo de aflição, era quatro condução, duas pra ir, duas pra voltar... Tá vendo aquele colégio moço, eu também trabalhei lá, lá eu quase me arre-bento, pus a massa, fiz cimento, ajudei a rebocar... Tá vendo aquela igreja moço, onde o padre diz amém.

Pus o sino e o badalo, enchi minha mão de calo, lá eu trabalhei também...”

Lúcio Barbosa.

RESUMO

A alfabetização em canteiro de obra tem sido um importante instrumento que tem contribuído para a inserção social. A presente pesquisa constitui-se em um estudo sobre a Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores da Construção Civil, sendo analisados dois campos de pesquisa. O primeiro, uma classe de alfabetização em canteiro de obra de uma empresa da indústria da construção civil; o segundo, a classe de alfabetização de um sindicato ligado à construção civil. Buscou-se compreender como ocorre o processo de aprendizagem da leitura e escrita em jovens e adultos trabalhadores. Foram analisadas também as metodologias empregadas nas práticas pedagógicas utilizadas nas classes de alfabetização de jovens e adultos.

Palavras-chaves: Aprendizagem da leitura e da escrita – EJA- Canteiros de obras.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa desenvolvida nos anos de 2007 e 2009 e apresentada em trabalho de conclusão do curso de graduação em Pedagogia. Constitui-se em um estudo sobre a Alfabetização na Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores da Construção Civil. Buscou-se compreender como ocorre o processo da aprendizagem da leitura e da escrita em jovens e adultos que não foram alfabetizados na infância e que, atualmente, se encontram inseridos no trabalho pesado, especificamente na construção civil, e

a importância desses conhecimentos para o resgate da cidadania.

2 - A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS CANTEIROS DE OBRAS

A história da alfabetização em canteiros de obras é recente no Brasil, surgiu a partir de iniciativas de empresas e sindicatos da indústria da construção civil, com o intuito de possibilitar aos trabalhadores acesso ao conhecimento formal, através de aulas ministradas

1 Graduada do 8º Período de Pedagogia da PUC Minas. anapauladomiciano@hotmail.com

2 Graduada do 8º Período de Pedagogia da PUC Minas. cleria.felicio@ig.com.br

3 Mestre em Educação, Doutora em Ciências da Religião, Professora e pesquisadora da PUC Minas. verasantanna@hotmail.com

diretamente nos locais de trabalho. Nesse sentido, o canteiro de obras torna-se um ambiente de construção do conhecimento que vem contribuindo de maneira significativa para melhorar a autoestima do trabalhador, o aperfeiçoamento profissional do indivíduo, bem como para a sua inserção e continuidade no mercado de trabalho.

As primeiras empresas e sindicatos a abraçarem essa causa situam-se no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em Minas Gerais, mais precisamente nos locais pesquisados, essa alfabetização iniciou-se juntamente com a proposta da UNESCO citada por Eugênio (2004, p. 48). A empresa, aqui citada como A, e o sindicato da construção SINDO (nome fictício) apoiaram essa iniciativa e iniciaram, em parceria com outras entidades, o projeto de alfabetização em canteiros de obras.

A UNESCO tinha como meta principal a erradicação do analfabetismo. No ano de 1990, em que se celebrava o ano internacional da alfabetização, o MEC promoveu o “Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania”. De acordo com Eugênio (2004, p. 48), “este programa previa um ambicioso movimento de mobilização nacional, objetivando a redução em 70% do número de analfabetos do país, nos cinco anos seguintes”. Estimulados pela iniciativa governamental, os sindicatos e empresas da construção civil abraçaram a causa, iniciando o projeto “Alfabetizar é Construir”, apoiados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) entre outros.

Os sujeitos, jovens e adultos trabalhadores da construção civil, em sua maioria são advindos das cidades interioranas e de outros estados menos favorecidos da Federação. São geralmente pessoas que buscam na construção civil uma forma de sobreviverem e, pelo fato de não serem escolarizados e as empresas não exigirem qualificação, acabam acomodando-se ou não tendo tempo para dedicar-se ao aprendizado da leitura e da escrita. Em sua maioria, esses trabalhadores exercem uma jornada semanal de trabalho de mais ou menos 40 horas, não incluindo aqui os horários de trabalhos extras, que frequentemente eles enfrentam em sua labuta diária. Mas, além desses empecilhos para darem continuidade aos estudos, vivem (aqui, grande parte) nas periferias da metrópole, enfrentando mais este desafio para participarem das aulas nos canteiros de obras. Em sua obra “A educação na cidade”, Paulo

Freire (1995) nos fala sobre essa labuta diária dos trabalhadores que passam grande parte do tempo dentro dos transportes públicos, que, geralmente, recebem muito pouco não sendo, muitas vezes, suficiente para que sejam supridas suas necessidades básicas de alimentação, moradia e outros direitos.

A educação nos canteiros de obras, conforme Resolução 11/2000, oferece a educação básica (1ª a 4ª série do ensino fundamental), servindo de base para que o indivíduo continue seu processo educacional em escolas regulares. De acordo com a proposta curricular para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), nota-se, com clareza, que propor um conteúdo curricular para essa faixa etária não é nada fácil, tendo em vista os diferentes modelos em que acontecem as aulas na EJA e, precisamente, nos canteiros de obras, porque pode haver certa variação de duração dos programas, de carga horária e de organização das turmas e seriação. Esta característica presente na EJA, tanto em espaços escolares quanto em espaços não escolares, é visível em todas as turmas: alunos em patamares diferentes de aprendizagem, com a diferença na idade, o que não impede o indivíduo de buscar e superar as dificuldades. Hoje, se vive em uma sociedade letrada, por isso a aquisição da leitura e da escrita torna-se tão importante. O indivíduo, em seu contexto diário, é “bombardeado” por informações escritas de todas as formas: placas, faixas, letreiros de ônibus, cartazes, receitas, necessitando de compreensão e decodificação de tais códigos. E, no contexto da construção civil, também não é diferente, o trabalhador precisa compreender códigos, decifrar plantas, ler avisos, ler instruções de uso de equipamentos.

3 - A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NA EJA NA VISÃO DE ALGUNS TEÓRICOS

A aprendizagem da leitura e da escrita é um processo imprescindível para a inserção na vida sócio-político-cultural do indivíduo. Saber ler e escrever, de acordo com Magda Soares (1998) é aprender e compreender expressões e símbolos, codificando e decodificando os símbolos apresentados, ou seja, não adianta apenas aprender os símbolos da escrita

e decodificá-los, mas antes de tudo faz-se necessário compreender o que se está escrevendo, ou o que está escrito. No processo de alfabetização, Soares (1998) afirma que não se pode considerar que o indivíduo seja alfabético (termo utilizado por Emília Ferreiro) porque consegue decodificar os símbolos, nem tão pouco é alfabetizada a pessoa que sabe apenas utilizar esses símbolos. Para ela, o indivíduo também precisa compreender os símbolos decodificados.

Sabe-se que a escrita é uma forma de expressão da linguagem que implica uma comunicação simbólica, que se dá através da ajuda de sinais variáveis, de acordo com a cultura de cada civilização. A escrita é feita para ser vista e lida com função de transmitir uma história, um fato, um pensamento, uma teoria, etc. para si e para outros lerem, independente da ocasião. “A escrita é uma das mais antigas tecnologias que a humanidade já conheceu, serviu e tem servido para muitas finalidades, de religiosa a políticas, de literárias a publicitárias” (TEBEROSKY, 1990, p. 21). Surgiu com o homem primitivo, no tempo das cavernas, que registrava nas paredes os primeiros desenhos representando a sua vida diária. São esses desenhos, então, os primeiros passos para o surgimento da escrita.

Para Freire (1968), o aprendizado da leitura e escrita não pode ser feito como algo fora realidade do educando. Enquanto aprendem a ler e a escrever, precisam perceber a necessidade de desenvolver uma visão crítica. “Mais que ler e escrever “a asa é da ave”, os alfabetizando necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado, o de escrever a sua vida, o de ler a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos” (FREIRE, 1968, p. 18).

De acordo com o que Possas (1999, p 29.) nos propõe: “ler e escrever constitui, hoje, uma demanda social que precisa mais do que nunca ser re-significada e atendida pela escola” Assim, é possível perceber que a escrita e a leitura são de suma importância no que se refere à necessidade do ser humano de protagonizar a sua história e exercer a sua cidadania.

O contexto em que os jovens e adultos da construção civil estão inseridos é diferente do contexto de sala de aula em que os jovens e adultos das escolas estão. Vale ressaltar que as aulas são ministradas, em sua maioria, nos próprios locais de trabalho para facilitar a vida do trabalhador e a locomoção, ou, quando isto não é possível, os trabalhadores se encontram em salas de aula preparadas nos sindicatos. A carga horária é diferenciada sem, no entanto, deixar de lado o aspecto que se refere ao desenvolvimento integral do indivíduo, numa constante valorização do que esse aluno traz consigo de experiências vividas, reforçando assim o que nos é apresentado na Proposta Curricular para a EJA.

É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adulto pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo”. (BRASIL, 2001, p. 41).

No campo de pesquisa A, a escola funciona num canteiro de obras, logo após o horário de trabalho. Os alunos se dirigem à sala de aula improvisada num espaço cercado de madeira com carteiras para os alunos e um pequeno armário no qual a professora guarda o material didático e os demais materiais dos alunos. Cerca de 15 alunos frequentam a escola, não sendo, no entanto, assíduos: diferentes fatores estão por trás dessa assiduidade. A maioria já reconhece as letras do alfabeto e grande parte já escreve, sozinho e à sua maneira, pequenas frases e textos.

No campo de pesquisa SINDO, a escola de alfabetização situa-se no subsolo do prédio e, atualmente, estão matriculados 17 alunos. Esses alunos têm idades variando entre 20 e 55 anos e exercem diversas funções na indústria da construção civil: alguns são pedreiros, outros carpinteiros, serventes, operadores de betoneiras, etc. No que se refere ao processo de alfabetização, cada um encontra-se em determinado nível, por esse motivo faz-se necessária a divisão em duas turmas. A primeira, com alunos que ainda não conhecem o alfabeto e estão no início da alfabetização e a segunda, com alunos que já frequentaram outras escolas, mesmo que por tempo reduzido.

Sabendo-se que a aprendizagem da leitura e da

escrita deve ser vista como instrumento de inserção do indivíduo na sociedade, de forma mais ativa, Freire (2007) defende uma alfabetização libertadora, que possibilite ao jovem e adulto condição de se tornar sujeito autônomo, capaz de pensar criticamente e realizar mudanças.

Aprender a ler e escrever nesse contexto de construção civil é algo que resulta num constante exercício de aprendizado, não só do aluno como também do educador. Na história da educação brasileira, o método Paulo Freire ainda é muito destacado no que se refere a partir do contexto real em que o aluno se encontra. Principalmente para a alfabetização de adultos, as palavras geradoras têm um significado maior e mais importante para o aluno.

Zabala (2002) acredita que a educação deve ser um instrumento indispensável para que a humanidade progrida em direção aos ideais de paz, liberdade, equidade e justiça social, funcionando como contrapeso a uma globalização. A educação deve contribuir para o desenvolvimento do ser humano em sua dimensão social.

Ao se pensar em alfabetização em canteiros de obras, deve-se ter em mente que o aprendizado não deve ser apenas das letras, mas, como afirma Zabala (2002), a educação deve facilitar a aquisição das competências básicas para a vida em sociedade sem perder a visão global da pessoa como ser crítico diante das desigualdades e comprometido com a transformação social e econômica do indivíduo. Nesse sentido, a alfabetização em canteiros de obras torna-se um campo propício para o desenvolvimento de uma prática educativa cidadã, que possa proporcionar ao educando uma oportunidade de acesso ao mundo letrado e também conhecimento de seus direitos e deveres, tornando-se cidadão ativo.

5 - O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

O processo de desenvolvimento de aprendizagem da leitura e da escrita para os jovens e adultos em determinados momentos é semelhante ao processo

vivenciado pelas crianças. No entanto, a experiência que esses sujeitos trazem em sua história de vida faz com que tal processo tenha uma dimensão diferente. Mesmo utilizando os termos que Emília Ferreiro (1987) denomina como processo pelo qual o indivíduo passa na aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético, observamos que os adultos buscam relacionar o que estão aprendendo com as questões de seu dia a dia.

Inicialmente, para uma melhor compreensão do sistema de aprendizado da leitura e da escrita na alfabetização de jovens e adultos, vale ressaltar o que nos aponta Paulo Freire (1986): o aprendizado deve partir da realidade do educando e, aqui, os sujeitos estão inseridos na construção civil.

Do grupo dos alunos que frequentaram a escola, nota-se que grande parte deles ficou um tempo mínimo, e alguns, de acordo com os dados coletados, não conseguiram nem mesmo terminar um período letivo. Alguns dizem que nem mesmo lembram direito o que estudavam, o que retrata a dificuldade em aprender até mesmo as letras do alfabeto.

Segundo a Proposta Curricular para a EJA (2001), para dominar o mecanismo de escrita, é necessário que o indivíduo conheça as letras, pois são signos que o nosso sistema de representação utiliza. Também é necessário compreender a relação entre as letras e o som da fala. Ao observar os sujeitos envolvidos tanto no campo A quanto no SINDO, percebe-se que os mesmos estão em diferentes níveis de alfabetização. Uns já reconhecem as letras e as utilizam de maneira adequada e outros ainda estão no início da alfabetização.

Dentre os sujeitos que responderam os questionários, verifica-se que, no campo A, todos conseguiram responder sozinhos, não necessitando da mediação de outra pessoa. Já no campo SINDO, apenas 25% conseguiram responder sozinho, os demais necessitaram da ajuda da professora.

6 - A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFISSIONAL QUE ATUA NA ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLAS SITUADAS NOS CANTEIROS DE OBRAS

A leitura e a escrita como forma de comunicação

ajudam o ser humano a interagir com o mundo e com os outros. O mercado de trabalho, hoje, exige que a pessoa saiba ler e escrever para que dele participe.

Ser alfabetizado é desempenhar um conjunto de atividades associadas ao uso prático. Por exemplo: saber ler uma bula, escrever uma lista de compras ou preencher um formulário, atividades que tornam o indivíduo mais adaptado à sociedade. (POSSAS, 1999, p. 30).

Constatou-se que, como os sujeitos envolvidos na pesquisa estão em diferentes níveis de alfabetização, justifica-se a variedade de métodos utilizados pela professora para mediar a aprendizagem, como ela mesma nos fala: “Os métodos são diversificados, trabalho de tudo um pouco, desde o tradicional até Emília Ferreiro, depende do aluno” (Professora B).⁴

A escassez de material voltado para a alfabetização em canteiros de obras leva a professora a utilizar diferentes portadores de texto para que seus alunos possam compreender o que estão aprendendo. Além da falta de material específico para a alfabetização de jovens e adultos em canteiros de obras, nota-se também que a professora, em sua prática docente, enfrenta em seu cotidiano diferentes dificuldades para exercer sua missão:

O maior desafio é a falta de tempo do aluno-trabalhador, o que torna o processo mais longo, e o fato de já chegarem na sala de aula preocupados com os problemas financeiros, no trabalho e em casa. Procuo aproveitar ao máximo as horas dedicadas aos estudos dentro das possibilidades de cada um. (Professora A).⁵

No entanto, mesmo diante de tantas adversidades, percebe-se o grande interesse da professora em desenvolver uma prática educativa que, de acordo com Zabala (2002), seja significativa e que possibilite aos jovens e adultos tornarem-se sujeitos autônomos, capazes de pensar criticamente e realizar mudanças, como pode ser confirmado na fala do AL SIND 2:

A gente era cego né quando comecei a estudá comecei a encher. O cego tem o cachorro pra guiá-lo. Quem não sabe ler e escrever é igual o cego só que sem cachorro. A

professora é ótima e ajudou a gente a encher o mundo. (ALU SIND 2). (sic).⁶

A educadora também descreve o que é visto como dificuldade em relação à escrita e em que ponto essa dificuldade favorece a desistência de alguns:

Os alunos têm dificuldade em assimilar a diferença entre a linguagem oral e a escrita, escrevem exatamente da maneira como falam. Então, torna-se mais difícil trabalhar o modo como se expressam do que propriamente a escrita, entretanto não é esse o motivo que os tira da sala de aula. (Professora da Construção Civil).⁷

7 - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA PARA O DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO COMO PROFISSIONAL E CIDADÃO

A construção civil é reconhecida como um setor que gera grande lucro para a sociedade e que, em sua maioria, não faz exigência de escolaridade, possibilitando assim àqueles que não tiveram acesso à escola se empregarem nela. Ao mesmo tempo, o campo de trabalho exige que o trabalhador saiba ler e escrever para que identifique as placas de segurança e informações espalhadas pelas obras.

Os dados a seguir de acordo com Sayegh citados por Pelissare (2006), revelam esse panorama da construção civil: “De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, cerca de 30% dos trabalhadores registrados da construção civil não sabem ler ou escrever e, em geral, desempenham funções auxiliares com pouca ou nenhuma especialização (SAYEGH apud PELISSARE, 2006, p. 45).

Ler e escrever têm, para esses indivíduos, um grande significado, pois é uma forma de saírem do analfabetismo e resgatarem a sua dignidade, como nos fala Freire (1974), ao afirmar que, diariamente, esses indivíduos são tachados pela sociedade como alguém incapaz de aprender e de mudar o rumo de sua história. Na fala do trabalhador abaixo, percebe-se como foi importante para ele voltar a estudar. Ao ser perguntado sobre o que mudou em sua vida familiar e

4 Relato feito pela professora regente da turma de alfabetização dos canteiros de obras do sindicato Sindo.

5 Entrevista realizada com a professora do canteiro de obras A.

6 Entrevista realizada com o Aluno do canteiro de obras B

7 Entrevista realizada com a professora do Canteiro de Obras A

profissional depois que começou a frequentar a turma de alfabetização, ele respondeu: “mudou muita coisa, agora sou uma pessoa respeitada” (AL SIND 1).⁸

Outro respondeu assim: “mudou muita coisa, meu jeito de falar, já lei no trabalho” (AL SIND 3) (sic); “mudou coisas aprendi a ler e a escrever e pensar diferente” (AL 3) (sic).⁹

Um fator importante percebido foi que, à medida que o sujeito é alfabetizado, ele passa a viver uma nova experiência, com mais autoestima, sentindo-se mais valorizado e cidadão mais autônomo.

As mudanças que vão ocorrendo na vida de um indivíduo que sai do analfabetismo e aprende a ler e a escrever são muitas, pois, diariamente, os trabalhadores da construção civil, em seu trabalho, necessitam da leitura e da escrita. Sabendo ler e escrever, o trabalhador da construção civil desempenhará melhor a sua função e suas relações e isso implicará uma mudança de postura, como nos afirma a responsável pelo desenvolvimento do projeto de alfabetização em Canteiros de Obra no campo A: “Há redução da rotatividade, melhoria do relacionamento com os encarregados e com os colegas, redução do índice de acidente de trabalho” (Coord. 1).¹⁰

Assim, a partir da aquisição de novos conhecimentos, a autoestima do trabalhador se eleva e ele se sente parte de um contexto histórico e social. Os dados coletados permitiram compreender o que e como os indivíduos aprendem a ler e a escrever. No processo de aprendizagem, nota-se que, quando essa aprendizagem está ligada à realidade do aluno, ela passa a ser mais significativa, tornando mais fácil a assimilação do conhecimento.

Uma revelação acerca de tudo o que se coletou foi que não é possível ao educador que atua nos canteiros de obras apegar-se apenas a um método de ensino, pois, como cada aluno está num patamar de desenvolvimento de aprendizagem, um método homogêneo não seria o ideal, cabendo ao professor fazer um caminho do tradicional ao mais moderno.

A aprendizagem também envolve uma participação crítica e atuante do educando que, à medida que vai aprendendo, começa a ter uma nova visão de mundo e passa a opinar e a compreender, buscando seus

direitos e questionando com mais objetividade e clareza os seus deveres, sentindo-se parte integrante de uma sociedade ao poder resgatar a sua dignidade, assinando seu nome na carteira de identidade, no contracheque da firma e percebendo que ele é capaz de ir além, dando continuidade a seus sonhos.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu constatar algumas conclusões do estudo teórico do tema, fazendo um paralelo entre a teoria e a prática. A partir dos dados coletados e das análises realizadas, constatou-se que os materiais voltados para a alfabetização de adultos em canteiros de obra são escassos. O papel do professor como mediador do processo de aprendizagem torna-se peça essencial na EJA, sua prática pedagógica estará ligada à realidade dos alunos e isto os ajudará na aquisição dos conhecimentos.

Para os trabalhadores, a questão da aprendizagem da leitura e da escrita não está ligada apenas à ideia de que não serão mais contados como analfabetos, mas também se ampliam as oportunidades de melhoria salarial e de novas possibilidades de trabalho. A certeza que esses trabalhadores apresentaram é de que aprender a ler e a escrever abriu para eles um leque amplo de conhecimentos, e que a melhoria de qualidade do serviço passa pelo conhecimento da leitura e da escrita. Aprender a ler e a escrever é de suma importância para que o indivíduo possa buscar seus direitos e viver dignamente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lúcio. Cidadão. Intérprete: Zé Geraldo. In: GERALDO, Zé. **Terceiro Mundo**. São Paulo: CBS, 1979. 1 disco de vinil (30 min.).

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: http://www.inep.gov.br/download/cibec/2001/titulos_

⁸ Entrevista realizada com o aluno do Sindicato B

⁹ Entrevista realizada com aluno 3 do sindicato B

¹⁰ Entrevista realizada com Coordenador responsável pelo Projeto de alfabetização nos canteiros de obras da construtora A

avulsos/miolo_PNE.pdf. Acesso em: 08 ago. 2009.

Acesso em: 01 set. 2009 .

BRASIL. Ministério da Educação. Proposta Curricular EJA -1º segmento. São Paulo/Brasília.MEC, 2001. disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf> acesso em 15 de agosto de 2009.

POSSAS, Wania Machado. Compreensão e domínio da escrita: vale o escrito. IN: BRASIL. Secretaria de Educação à Distância. **Salto para o futuro: educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 1999. 107 p. (Série de estudos. Educação a distância; 10).

BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996, disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> acesso em 10 de agosto de 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed Belo Horizonte: Autêntica, 1998

TEBEROSKI, Ana. **Psicologia da Linguagem Escrita**. Tradução Beatriz Cardoso, Campinas, São Paulo: Trajetória Cultural, 1990. 151 p.

EUGÊNIO, Benedito Gonçalves. **O currículo na educação de jovens e adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal de Belo Horizonte**. 2004. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 248 p.

FERREIRO, Emília; PALÁCIO, Margarida Gomes. **Os processos de leitura e escrita**. Novas Perspectivas. Trad. Luíza Maria Silveira. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987. 278 p.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 79 p.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995 144 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 218 p.

MAGALHÃES, Maria Cristina Soares. Trabalho, aprendizado e saber-ofício: operários da construção civil de Belo Horizonte. **Cadernos de Serviço Social**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 19-27, jul. 1993.

PELISSARE, Neiva Terezinha. **Alfabetizar e qualificar o orelha-seca e o meia-colher: um desafio político pedagógico para a construção civil**: a experiência da concremax com alfabetização e qualificação de jovens trabalhadores em Cuiabá/MT. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/Pesquisa>>.